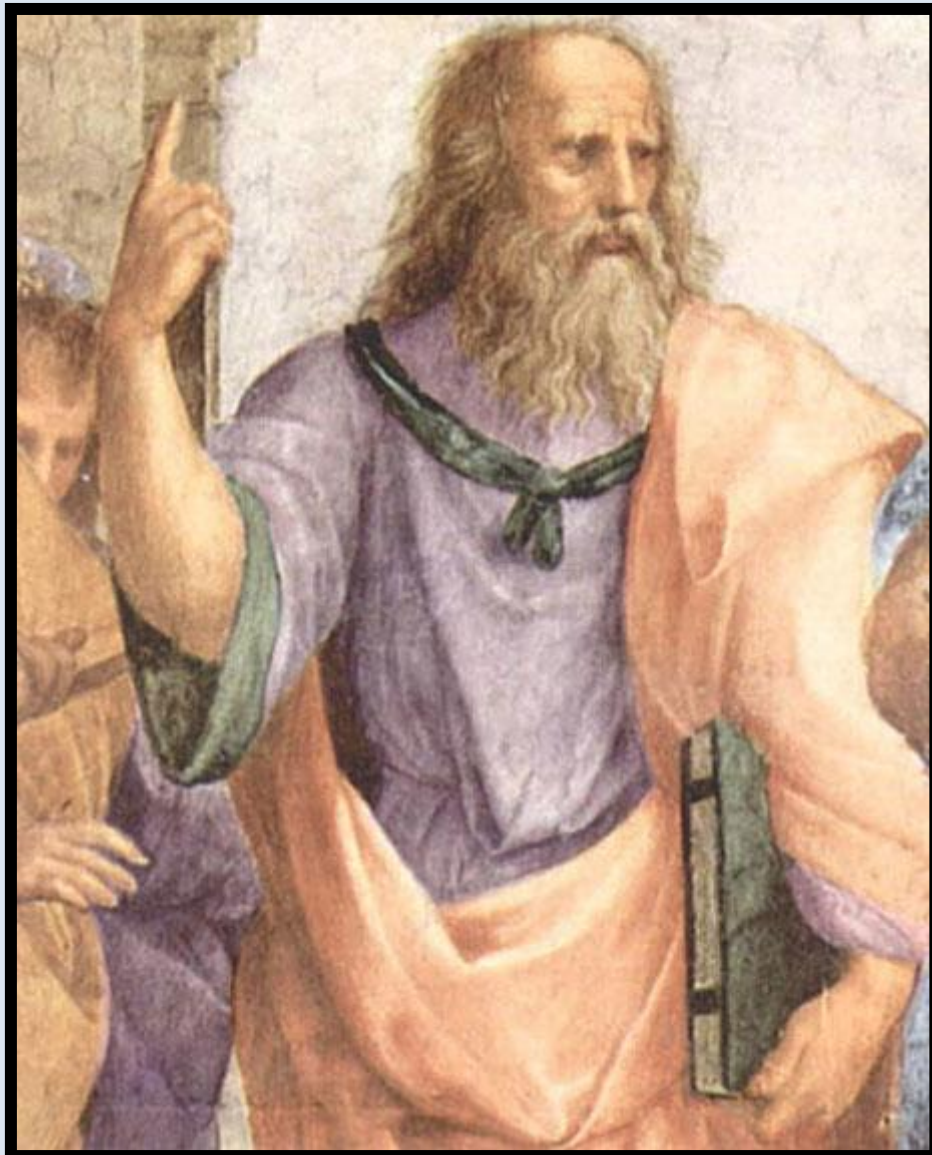


**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
Universidade do
Minho



Platão

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

Introdução

O diálogo *Hípias Menor* foi posto em causa por alguns críticos do século XIX porque Sócrates aparece neste diálogo como um sofista habilidoso e sem escrúpulos que defende teses repugnantes: Apelt considerou o texto "uma apologia do pecado" (*apud* Guthrie 1975: 191-9; cfr. Grote, 2005: 388). A autenticidade, no entanto, é hoje raramente colocada em dúvida, vencidas as suspeitas com as referências expressas de Aristóteles (*Met.* 1025a6). Mas, mesmo aqueles que julgam o diálogo autêntico, reconhecem que é um dos mais estranhos diálogos platónicos, "pois inclui não só um paradoxo, como uma falsidade moral", ou seja, a conclusão de que quem comete injustiça voluntariamente é melhor que aquele que o faz sem intenção (*akôn*) (Kahn 1996: 113). De facto, é difícil de conciliar com a ideia de um Sócrates "no desabrochar da beleza" que Platão teria transformado no campeão das suas ideias, o que levou Guthrie (1975: 191) a sugerir que este seria um dos primeiros diálogos do autor, talvez mesmo anterior à morte de Sócrates – quem sabe se não mesmo um daqueles como o *Lísis* que, segundo Diógenes Laércio (III.1), Platão teria apresentado em vida ao próprio Sócrates e teria merecido a sua censura.

O *Hípias Menor* é uma obra que deixa aqueles que atribuem a Platão as afirmações do seu querido mestre Sócrates, que é o principal personagem de muitos dos seus diálogos, em especiais dificuldades. Com efeito, quase sempre, quando alguém se refere a "o que Platão disse" (Shorey, 1933), está a falar do que, de facto, foi defendido no texto por um dos personagens, normalmente Sócrates. O recurso a esta chave interpretativa para nos abrir o

¹ José Colen é doutorado em Ciência Política, investigador convidado do CESPPA na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris), investigador associado ao CEH da Universidade do Minho (Braga) e bolseiro da Fundação da Ciência e Tecnologia. Foi docente convidado no IEP da Universidade Católica Portuguesa. Recebeu o prémio Raymond Aron 2010 para as ciências sociais pela edição da sua tese. Publicou recentemente os livros: *Votos, governos e mercados* (Lisboa, 2010), *Futuro do político, passado do historiador* (Lisboa, 2010), *Guia de introdução à filosofia da história* (Lisboa 2011), *Facts and Values: a Conversation* (Londres 2011) e Leo Strauss, *O problema de Sócrates* (ed.), Lisboa 2012, bem como diversos artigos e comunicações.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

pensamento de Platão parece, à primeira vista, necessário porque o autor quase não é mencionado nos seus diálogos e nunca fala em seu próprio nome. Além disso, na maioria dos diálogos, Sócrates parece levar a melhor na argumentação com os seus interlocutores e defende posições que parecem em (relativa) harmonia com alguns outros personagens platônicos, como Timeu, ou os estrangeiros de Eleia e Atenas (Kraut 2012).

Dizer que Sócrates não é o pseudónimo de Platão, pelo contrário, parece, àqueles que defendem essa atribuição, quase o mesmo que afirmar que o autor não transmite nenhum ensinamento (Strauss 1963: 51), que não possui uma doutrina própria e se limita a levantar questões. Sócrates, no entanto, é um personagem enigmático, pois parece contradizer-se, não só de diálogo para diálogo como, por vezes, no interior da mesma peça (Cfr. Nails 1995: 222). Por isso, "uma forma tradicional (e razoável) de ler Platão, apoiada por académicos sem fim" (Gerson 2000: 201), pode descrever-se aproximadamente assim: Platão começou a escrever sob a inspiração de Sócrates e os seus primeiros escritos formulam o conteúdo essencial dessa inspiração, que consiste numa metodologia de inquérito, centrada na refutação, o *elenchus* e numa série de sentenças "convenientemente etiquetadas" paradoxos socráticos (*Ibidem*).

O *Hípias*, no entanto, parece pôr tudo em questão e coloca-nos portanto numa situação em que é difícil evitar, se não é mesmo incontornável, o regresso à teoria de que Sócrates é o porta-voz de Platão nos seus textos, um dos problemas mais controversos na literatura platónica, pois nem esta opinião é inquestionável nem, ao menos, relativamente consensual.

Alguns estudiosos, como Leo Strauss, sugeriram que os diálogos são dramas e "se alguém cita uma passagem dos diálogos para provar que Platão mantinha tal ou tal visão, age tão razoavelmente como se afirmasse que, segundo Shakespeare, a vida é um conto contado por um idiota, cheia de som e fúria, que não significa nada" (Strauss 1963: 50). Se seria enganador deduzir as opiniões do dramaturgo a partir das afirmações de um dos seus personagens, mesmo quando é o personagem principal como o príncipe da Dinamarca, também seria absurdo aceitar a mesma presunção no caso das peças platónicas, tanto mais

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

que não sabemos realmente porque existem vários porta-vozes, ou se há sequer "um porta-voz" de Platão. O autor falar-nos-ia tanto ou mais através do desenrolar das acções nos dramas como através dos diálogos que compõe ou selecciona. Ou seja, na prática, "para começar, deve-se prestar maior atenção à 'forma' do que à 'substância', pois o significado da 'substância' depende da 'forma'" (*Idem*: 52)².

Outros académicos, como Debra Nails, consideram, pelo contrário, que a questão literária é secundária em relação aos argumentos e só estes interessam ao filósofo. Embora se conceda que os diálogos são "grande literatura" (Nails 2000: 15), nega-se que Platão distinga as próprias categorias de biografia e ficção, que são anacrónicas (Havelock 1983: 157). De qualquer modo, se Jane Austen parece por vezes identificar-se com um dos seus personagens, de maneira quase autobiográfica, como essa identificação muda com as diferentes obras e personagens (ora Elizabeth Bennet, ora Emma, ou Elinor Dashwood) que não têm de qualquer modo personalidades idênticas, o mesmo se passa com Platão e a confusão entre dramaturgo e *dramatis personae* deixa-nos no escuro sobre o seu verdadeiro pensamento. Mas, principalmente, estas questões não seriam as questões apropriadas em filosofia, muito menos no caso de Platão, cujos "diálogos encorajam leitores e ouvintes a raciocinar dialecticamente" (Nails 2000: 16). As tentativas de tratar o Sócrates platónico como autoridade não são mais que uma forma de obviar a esse trabalho intelectual (*Ibidem*).

Não se pode negar, todavia, que os diálogos de Platão são importantes fontes históricas. Contêm informação hoje indispensável ou, pelo menos, muito útil acerca de algumas personalidades históricas (e. g. Parménides, Protágoras, Górgias, Hípias, Alcibíades, etc.), eventos políticos (e. g. a condenação dos generais após a derrota da Sicília, a tirania dos Trinta, para não falar do julgamento de Sócrates) e, em geral, a vida quotidiana grega (a educação, os banquetes, a recitação poética, as leis³, etc.). Podemos até dizer que os diálogos estão entre as fontes históricas mais importantes, não só para conhecer a Atenas do seu tempo, mas também a Atenas da geração anterior, a que Karl Popper chama "a Grande

² Há no entanto uma relação entre a questão literária e a questão filosófica, pois "esta é uma importante parte do estudo do que a filosofia é".

³ Cfr a inspiração platónica nas *Leis* a partir da legislação em vigor em diversas cidades gregas, recenseada na "Introduction" de Louis Gernet (2012) à edição Budé das *Leis*.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

Geração", que Platão usa como cenário de muitos dos diálogos. Mas, justamente porque tanto do que sabemos depende dos seus escritos, é preciso cautela para não ficar encerrado num "círculo hermenêutico" vicioso.

Se os escritos de Platão são frequentemente tratados como fontes históricas, sobretudo quando perdemos o acesso directo aos escritos dos pensadores antigos, pois os retratos platónicos são particularmente profundos, convém lembrar que nem os diálogos partilham a estética do "realismo" literário, nem são fontes insuspeitas e muito menos imparciais. As suas simpatias e antipatias são, à primeira vista, claras: "todos sabem que Platão fala pela boca, não com efeito, do seu Protágoras, do seu Cálicles, do seu Ménon, do seu Hípias e do seu Trasímaco, mas do seu Sócrates, o seu estrangeiro eleata, o seu Timeu e o seu estrangeiro ateniense" (Strauss 1963: 50). Mesmo se não quisermos atribuir-lhe a apresentação deliberadamente distorcida das ideias dos adversários intelectuais (Popper 2003), devemos pôr-nos em guarda quanto ao que silencia (Berlin 2005: 315).

Hípias é um destes personagens que mal conheceríamos se não possuíssemos o testemunho de Platão. Sócrates, em compensação, julgamos conhecê-lo melhor, recorrendo a outras fontes⁴, mas é forçoso reconhecer que, como se diz, "o que sabemos de Sócrates que não tomámos dos diálogos de Platão caberia no reverso de um selo" (Strauss 1957: 3)⁵. Ora precisamente, como o Sócrates platónico é "único" na sua apresentação procura-se às vezes descortinar, por detrás das doutrinas explicadas ou discutidas pelo seu mestre, a máscara do Platão escondido. A questão "Sócrates fala em vez de Platão?" pode, todavia, ser respondida com diferentes matizes⁶:

⁴ Basicamente Xenofonte ou Aristófanes e um conjunto de fragmentos de *Socratoï logoi* e, na geração posterior, se quisermos dar-lhe crédito, Aristóteles. Cfr. Vlastos 1991 e Havelock 1963 e as críticas de Nails 1995 e Kahn 1996. A maior parte dos académicos considera a questão socrática "insolúvel" e o recente *Cambridge Companion* sobre Sócrates divide com equidade as suas contribuições entre os que julgam reconhecer o Sócrates histórico e os que se referem ao personagem platónico.

⁵ Strauss afirma certamente: "Podemos também referir o facto de que a imagem predominante de Platão como dogmático, como grande dogmático, deve ser confrontada com a imagem predominante de Sócrates como o mestre do saber da ignorância, pois Sócrates é um personagem platónico. (...). No séc. XVIII, Platão era desprezado. Não suportavam Platão. Mas era o pico da popularidade de Sócrates, o que novamente quer dizer, de Platão disfarçado".

⁶ Seguimos aqui de perto Nails 2000:17-25.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

(i) Sócrates fala através de Platão, como qualquer jovem estudante sabe (Strauss 1963: 50), pois os gregos amam as histórias e os mitos e Platão presta homenagem ao seu mestre fazendo-o apresentar sempre os melhores argumentos, independentemente de acreditar neles (Nails, 2000: 17 *sed contra* Gerson, 2000: 206);

(ii) Outra resposta seria afirmar que, independentemente do que disse o Sócrates histórico, o Sócrates de Platão é apenas o seu porta-voz, pois este último atribui-lhe sempre as suas ideias⁷. No entanto, quando outros personagens apresentam opiniões mais fortes, ou desempenham um lugar mais central nos diálogos, como Parménides ou Timeu, Platão fala através desses outros personagens.

(iii) Uma abordagem literária ou dramática, pelo contrário, coloca a tónica na coerência de cada diálogo como um todo: como estes não são verbetes de uma "enciclopédia das ciências filosóficas" (cfr. Strauss 1963: 62), é preferir pensar que cada um é um elemento de um *Kosmos*. Presumir que o papel desempenhado por um personagem é necessariamente o mesmo em todos os astros desse cosmos, por mais importante que seja esse personagem, é talvez forçar a interpretação, uma vez que nada impede que um figurante se chegue ao primeiro plano, ou que o herói se torne, numa outra composição, num personagem secundário.

(iv) Enfim, a versão mais comum é a tese do "desenvolvimento" do pensamento de Platão. Esta sugere ainda uma outra função para o Sócrates nos diálogos: o Sócrates dos primeiros textos é o genuíno, mas o personagem torna-se no porta-voz de Platão quando este desenvolve uma filosofia própria e independente da do seu amigo e mestre.

Vlastos, por exemplo, sugere uma regra interpretativa quanto à relação do personagem com o autor: Sócrates defende as opiniões, quaisquer opiniões, em que Platão acreditava na altura em que compôs cada diálogo.

⁷ Mesmo a II Carta pode ser lida como confirmação desta teoria, cfr. Gadamer 1980: 76.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

A necessidade de reconsiderar este problema é agudizada se pretendemos explicar o papel do filósofo neste "estranho" diálogo, no qual dificilmente se concebe que Sócrates exprima as opiniões de Platão. Talvez a tentativa no *Hípias* de defender falaciosamente uma tese socrática seja uma forma de mostrar o distanciamento que Platão deseja marcar, na sua maturidade, em relação ao mestre. Talvez o sábio e matemático que dá o nome ao diálogo seja o personagem central – cujo papel noutras obras devemos ignorar – e este seja um daqueles casos em que o autor se identifica com as opiniões de alguém que não é o seu herói habitual, uma vez que aqui é Sócrates que mostra um comportamento contrário ao que apregoa noutros diálogos, enquanto Hípias defende a posição ética. Talvez, enfim, Sócrates tenha sido realmente, nos seus primeiros anos, um sofista que se interessava pelas coisas naturais e ensinava a mais nobre juventude ateniense e seja assim que Platão o decidiu apresentar neste diálogo.

A teoria de que Platão nos fala através das afirmações do seu Sócrates, em qualquer das versões, é hoje no entanto considerada problemática e a literatura académica tem recentemente multiplicado os esforços por compreender a natureza dos diálogos platónicos (e.g.: Press 2000, Griswold 1988, Klagge e Simth 1992, Nightingale 1993)⁸. Com efeito, nenhuma delas elimina as incertezas, nem a sua versão mais "ingénua", pois Platão não é Cícero, nem Hume, e nunca indica que é Sócrates o seu representante nos diálogos – ao invés, podemos até descobrir afirmações expressas do contrário (*II Carta* 314c). Pode ainda acontecer que as afirmações de Sócrates sejam apenas destinadas aos não-iniciados (*Ibidem*, cfr. *VII Carta* 341c-d).

Deparamo-nos todavia com um obstáculo mais sério, que não podemos ignorar totalmente. A ideia de que Platão preparou para o seu personagem Sócrates um "perfil biográfico" que ainda hoje nos permite fazer um retrato intelectual coerente, também apresenta dificuldades. É inverosímil que Sócrates seja apenas uma figura platónica, pois Xenofonte, ou Ésquines, para não falar de autores posteriores como Aristóteles, apresentam um retrato de Sócrates parcialmente coincidente, o que nos recorda que há um "mínimo"

⁸ A bibliografia e a discussão sobre o papel de Sócrates nos diálogos, todavia, é inumerável e impossível de abarcar e não é sequer possível fazer-lhe aqui uma referência minimamente completa.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

histórico e sugere mesmo que o Sócrates, personagem platónico, terá sido construído como resposta ao Sócrates da imaginação popular.

Sócrates não é uma pura invenção, como pode ser o Estrangeiro de Eleia, e isso atribui um significado, ora sério, ora irónico, ao que Platão coloca na boca de Sócrates, pois o Sócrates histórico não era totalmente desconhecido da audiência dos diálogos – fosse ela qual fosse. Talvez algumas teses socráticas fossem tão impressionantes que Platão as decidisse reter, mas não sabemos ao certo quais são e o problema é considerado "insolúvel". Portanto o círculo hermenêutico, que alguns defendem, na realidade, pede um critério externo que permita distinguir quando Platão concorda com Sócrates e quando não, pois fica a pairar no ar uma questão: se Sócrates é o porta-voz de Platão nos diálogos, quem é o porta-voz de Sócrates? A aproximação literária a um diálogo de cada vez é uma abordagem provocante⁹, embora não explique porque decidiu Platão escrever diálogos e não poemas ou tratados, o que talvez só se compreenda pela intenção deliberada de evitar emprestar a voz da autoridade às afirmações contidas nos diálogos (Frede 1992: 201-219)¹⁰.

A diferença mais significativa entre as histórias do desenvolvimento do pensamento platónico e a abordagem literária é que Vlastos e outros dos defensores das primeiras sentem suficientemente à vontade para estender a sua chave hermenêutica ao *corpus* platónico inteiro, isolando o Sócrates histórico dos elementos platónicos. Na prática, a grande vantagem da tese do "desenvolvimento" é que permite, de modo mais ou menos feliz, acomodar algumas contradições que encontramos facilmente em Platão, ficando ainda por explicar a variedade das opiniões de Sócrates em diálogos próximos, às vezes no mesmo diálogo. A tese do desenvolvimento tentou recorrer a dados estilométricos, textos dos escritores contemporâneos (Aristófanes e Xenofonte) e posteriores (Aristóteles) e sobretudo à evidência interna dos diálogos que mostra "Sócrates contra Sócrates"¹¹. O que em Vlastos

⁹ Como o são os ensaios hermenêuticos de Gadamer.

¹⁰ Platão era a cabeça da academia, é impossível que falando em seu próprio nome não conferisse autoridade às teses que defendia.

¹¹ Se o resultado explicativo é decepcionante, a narrativa é aproximadamente esta: "À medida que Platão muda, a pessoa filosófica do seu Sócrates é forçada a mudar, absorvendo as novas convicções do escritor, argumentando em seu favor com o mesmo zelo com que o Sócrates dos diálogos anteriores tinha argumentado pela visão que o escritor tinha partilhado com o original desta figura

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

é apresentado como hipótese e em Klosko como a explicação tradicional e mais provável, Kraut defende como firmeza (1992: 29, n. 49).

Se há hoje dúvidas acrescidas sobre a possibilidade de retirar da análise do estilo dos diálogos uma cronologia de composição e depois inferir desta uma evolução do pensamento de Platão é porque, ao fim de cento e cinquenta anos, os estudos estilométricos não revelaram nenhum consenso, à parte uma vaga tendência para agrupar os diálogos em três grupos estilísticos. Pior: o conjunto dos diálogos "médios", que representaria Platão no seu apogeu e que associamos ao platonismo, quando a análise estatística se aperfeiçoou, deixou de coincidir com o grupo de diálogos mais coerente em termos de estilo literário. E como se não bastasse, ainda por cima foram-se amontoando indicações de que os diálogos foram sucessivamente revistos pelo seu autor ao longo da vida, tornando ainda mais frágeis quaisquer inferências a partir das características estilísticas.

Acresce que, além disso, o poder explicativo da tese de desenvolvimento, apesar da sua popularidade académica, nunca foi entusiasmante. Sócrates contradiz-se, ou revê a sua posição, em diálogos cuja data de composição seria muito aproximada, em relação a questões recorrentes: se a virtude se pode ensinar, ou se a felicidade se identifica com o prazer, ou o mal é involuntário (Nails 2000: 19). E as cronologias estabelecidas com base no conteúdo diferem segundo o problema abordado: a visão da poesia, a teoria das formas, a ética, a visão da justiça, a evolução da dialéctica, a traição de Sócrates, etc. O que obrigou constantemente a juntar à teoria de que Sócrates é o porta-voz das ideias de Platão, em cada momento, uma série de excepções e hipóteses *ad hoc*.

Os intervenientes no diálogo

O interlocutor principal de Sócrates neste breve diálogo é Hípias, um dos mais famosos "intelectuais" (*sophos*) do século V. O menor dos diálogos com o nome de Hípias, contudo, tem em si mesmo uma estrutura muito simples. Literariamente é muito semelhante ao *Ion* (Kahn 1992: 113). É um diálogo em forma dramática directa, sem

anteriormente" (Vlastos, 1991: 53). A teoria do porta-voz é filha natural da teoria do desenvolvimento. Veja-se a crítica em Nails 1995, caps. 2 e 4-7.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

narrador, onde participam apenas três personagens, Êudico, Hípias e Sócrates, mas quase só os dois últimos falam. Apercebemo-nos do contexto pelas primeiras afirmações dos personagens à medida que entram em cena: Hípias acaba de proferir uma conferência sobre a interpretação de Homero, Êudico sugere a Sócrates que interrogue Hípias e lhe coloque as dúvidas que tem.

Dissemos que não se podia negar que os diálogos de Platão carregam grão para o moinho da história no que se refere a alguns dos seus personagens. Com efeito, com algumas exceções significativas, a maioria dos intervenientes nos diálogos são personalidades "reais" do mundo da cultura e da política ateniense ou pan-helénica. Hoje estes caracteres são para nós quase só nomes altissonantes e carregados com o peso de figuras clássicas mas, para a audiência contemporânea de Platão, eram personagens cuja memória estava viva, ainda que por vezes um pouco distante, pois na sua maioria pertenciam à geração anterior – um pouco como são hoje no mundo político Kennedy, Adenauer, Churchill, ou no mundo do pensamento Bergson, Popper, Berlin, ou Rawls, e no mundo das artes Kandinsky ou Joyce – embora também apareçam nos diálogos, menos frequentemente, homens completamente anónimos.

Hípias de Elis, filho de Diopítes (c. de 470 – 385? a. C.), é precisamente um destes personagens sobre os quais pouco conheceríamos se não possuíssemos o testemunho de Platão como fonte, a começar pela sua data de nascimento: Protágoras afirma ter idade suficiente para ser pai dele (*Prot.* 317c) e o próprio Hípias o descreve como um ancião no outro diálogo com o seu nome (*Híp. Ma.* 282d-e), pelo que ficamos a saber que teria aproximadamente a mesma idade de Sócrates (cfr. Nails 2002: 168).

A sua cidade natal é Eleia, no norte do Peloponeso e os seus concidadãos escolheram-no várias vezes para representações diplomáticas, especialmente a Esparta (*Híp. Ma.*, 281 a-b). É um *polymatha* ou pessoa que domina muitas ciências (cfr. *Híp. Me.* 368b-e, *Prot.* 315c), capaz de memorizar cinquenta nomes ouvidos de uma só vez (*Híp. Ma.* 285e) e possuidor não apenas de grande cultura geral mas de saber "enciclopédico" (Leake 1987: 300). É um educador profissional, que ensina aritmética, astronomia, geometria, música e

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

poesia (*Prot.* 318e), gramática, genealogia, história antiga e ética (*Híp. Ma.* 285b-286c), mas também um "artista" que faz pelas suas próprias mãos a roupa, jóias e utensílios que usa (*Híp. Me.* 386b-d). Neste diálogo nunca é apelidado de sofista, embora cobre honorários pelo ensino (364d), mas sabemos pelo outro texto com o seu nome que treina os seus estudantes a vencer na argumentação (*Híp. Ma.* 287b), tendo-se já tornado muito rico a ensinar jovens a falar em público (282b-e).

Debra Nails (2002: 168-9), que elaborou uma extensa prosopografia dos personagens platónicos, inclina-se mesmo a pensar que as referências recorrentes de Platão ao conhecimento matemático de Hípias (*Híp. Me.*, 367 a-e) revelam que este é provavelmente o matemático com o mesmo nome que descobriu a curva conhecida como *quadratrix*, pela intersecção dos ângulos (*Proc. Eucli.* DK 86 frag. 21). Se assim for, não estamos propriamente a falar de um mero diletante.

Hípias aparece também, não só noutros diálogos platónicos, como na obra de Xenofonte, que relata um debate com Sócrates sobre a justiça e as leis (*Mem.* IV.4.5-25) e lhe atribui um sistema de mnemónica (*Banquete*, IV.62) e possuímos ainda um fragmento que corresponde ao começo de uma obra sua (DK 86b6 *apud* Kahn 1996: 114, n .16). Segundo uma tradição posterior terá morrido num golpe de estado em Eleia em c. de 385 a. C. (Tertuliano, *Apologia*, XLVI.16, *apud* Nails 2002: 169)¹².

Dramatis personae

A construção da *dramatis personae* por Platão, no entanto, não é asséptica. Não só porque, como diz Aristóteles, assim o pedem as regras do drama, que consiste em representar "pessoas fazendo coisas" (*praxis*), que são "necessariamente de bom ou mau carácter" (*ethos*) (*Poét.* 1448a1-9, cfr. 1447a28-b29) mas porque "literariamente é impossível representar uma pessoa na ausência total de qualidades de carácter" (Blondell 2002: 129) e a mera encarnação imaginária ou real é suficiente para revelar uma identidade e, portanto, um mínimo de carácter, mesmo na ausência de discursos. É representado por

¹² Nails em compensação, seguindo J. K. Davies, considera impossível o casamento da sua filha viúva com Isócrates.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

Platão como estranho à cultura política ateniense, um cosmopolita reconhecível pela sua falta de apego a um lar. Vem de Eleia, cidade aliada de Esparta e raramente visita Atenas, mas viaja muito e teve sucesso no fórum dos jogos pan-helénicos (*Híp. Ma.* 281ab, *Híp. Men.* 364 a). Discorre sobre Homero, o mais universal dos poetas gregos. O cinto persa (368c) é símbolo desse cosmopolitismo. Mas Hípias é, sobretudo, imodesto e susceptível à lisonja. Nesta conversa, contudo, termina justamente escandalizado com Sócrates e ultrajado com a sua argumentação.

O Sócrates de Platão, é de longe, o mais pormenorizadamente caracterizado, concreto e imaginativo dos seus personagens. Como observou Blondell, "ouvimos, frequentemente com considerável detalhe, falar acerca de assuntos como a sua higiene pessoal, as suas roupas e sapatos (ou a sua falta), o seu porte, o seu estranho físico, os seus hábitos diários, o seu sentido de humor, a sua capacidade de suportar a bebida, o seu erotismo e sexualidade, os seus sonhos e a disposição do seu corpo em todas as espécies de situações" (*Idem*: 70). É possível que Sócrates seja o seu herói, mas nesse caso é um herói muito humano, "demasiado humano" e Platão não se esforça por esconder sob um véu pudico as suas fraquezas e defeitos. Fisicamente seria particularmente feio, um "sátiro" (cfr. *Menon* 80ab, *Banquete* 215ab, 221d-222 a, *Teeteto*, 143e), o que talvez visasse sublinhar a beleza da sua alma (*Cármides*, 153d, 154d-e, *Fedro* 251e, *Rep.* 402cd, 535 a, *Banquete* 210b).

O Sócrates desta conversa, todavia, mal está mal caracterizado: pouco ou nada se sabe dele, se excluirmos a sua preferência por respostas curtas sobre longos discursos (*Híp. Me.* 373 a) até que ele mesmo começa a discursar. Neste diálogo, em que aparece primeiro submisso e silencioso, por contraste com o palavroso Hípias (Blondell 2002: 123, 137), mostra-se altaneiro e ludibria Hípias com uma falácia que é considerada exemplar desde Aristóteles (*Met.* 1025 a6-13) e dedica-se a uma exegese literária capciosa, que não recua ante nenhum recurso para vencer a argumentação. Defende além disso uma posição moral capaz de justificar os piores actos.

Sobre Êudico de Atenas, filho de Apemanto, sabemos muito pouco e nada nos chegou independentemente dos textos platónicos: é um personagem que intervém também

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

no *Hípias Maior* (286c), texto que contém uma referência ao discurso de Hípias sobre os heróis da guerra de Tróia em público e pode muito bem ser a mesma conferência cujo fim marca o início deste diálogo. A continuidade é sugerida no começo (*Híp. Me.* 362c2) e pode conter também uma referência ao discurso que Sócrates adiou no *Ion* sobre Homero e os poetas (*Híp. Ma.* 286b, cfr. Kahn 1992: 114). Êudico é um árbitro entre os outros dois, pois afirma a Sócrates seguir vida filosófica e ao mesmo tempo admirar muito Hípias.

Tema e estrutura do diálogo: heróis e nobres feitos

O tema da conferência ou discurso público proferido por Hípias sobre *Homero e os poetas* poderia ostentar como título "os nobres feitos que os jovens devem imitar", aqueles que o filho de Aquiles propõe a Nestor. Assim esta conversa, tal como acontece no *Ion* e nos livros III e X da *República*, debruça-se sobre a poesia de Homero.

O discurso de Hípias é pedagógico senão moralizante: a questão é: "qual é o melhor homem?" e a resposta é: "Aquiles", pois Ulisses é apenas mais versátil e até "moralmente flexível" (Leake 1987: 301), o que o desqualifica aos olhos de Hípias. A nobre simplicidade de Aquiles é elogiada. Na *Ilíada* a sua ira é terrível porque a excelência deve ser recompensada com a honra e Agamemnon desonra-o ao tomar Briseis. Aquiles recusa a embaixada de reconciliação (*Ilíada* IX, 307-429) e defende a franqueza mal-educada: o direito a falar como se pensa (Leake 1987: 302). Sócrates, pelo contrário partilha a visão de Ulisses que defende, tal como os filósofos na *República* que, às vezes, é preciso mentir (*Ilíada*, 365c7, etc.).

Quando mente Ulisses, segundo Homero? Na *Odisseia*, o episódio do Cavalo de Tróia é a sua grande mentira, mas antes tem que mentir quando vai "espiar" com Diómedes os planos dos troianos para batalha. Não se detém sequer perante o roubo de cavalos. Engana os inimigos: é astuto com os Ciclopes (*Odisseia* IX, 283-86), pois sem esse logro ninguém no seu navio se salvaria. Mas também engana a sua deusa e padroeira Atenas, a sua mulher e a velha ama. Em suma, na guerra e no governo a mentira é imprescindível e Ulisses pratica a "política do possível" (Leake 1987: 303), misturando mentiras com verdades profundas. É um consumado mentiroso, o que lhe permite ajudar os outros. Sócrates apresenta portanto os

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
Universidade do
Minho

seus argumentos recorrendo a citações de Homero para chegar a uma conclusão que faz desmaiar Hípias (*Idem*: 301).

O diálogo está estruturado em três secções com ritmos diferentes. A conversa começa com o debate sobre os heróis de Homero, reinterpretado por Sócrates, interrompe para uma discussão sobre as capacidades nas diversas actividades humanas, para regressar ao material homérico, que permite a Sócrates introduzir o "paradoxo chocante" que põe fim ao diálogo (Kahn 1992: 114).

A discussão abre com Sócrates a levantar dúvidas sobre se Hípias pensa que Aquiles é melhor que Ulisses, o *politropos*. Nesta primeira secção do diálogo, Sócrates mostra que as capacidades de mentir e de dizer a verdade são a mesma, porque ambas exigem um saber (*Híp. Me.* 366a3-4), i. e., são ambos aspectos da mesma arte ou competência (*technê*). Sócrates argumenta perversamente a partir de três citações do Livro IX da *Iliada*, que mostram que Aquiles é o mais falso, embora involuntariamente (*akon*), enquanto Ulisses é deliberado (370e, cfr. Kahn 1992: 115). A conclusão da primeira secção do diálogo é seguida de um interlúdio jocoso, que leva Sócrates a defender que Aquiles mentiu involuntariamente, enquanto Ulisses lhe é superior porque mentiu intencionalmente. Saber permite agir bem e mal; mas ninguém faz o mal senão involuntariamente (Laeke 1987: 305).

Na segunda secção, Sócrates compara esta arte sem nome às artes especulativas (até 367c8): o cálculo, a geometria ou a astronomia, para chegar à conclusão (que retoma na *República*) de que o melhor envenenador é o médico mais capaz (*Rep.* 382 a1-e6, 331c). A cidade "ideal" não dispensa as mentiras salutares que melhorem os seus cidadãos (413 a-415d, 459c e 377 a), pois os homens amam-se mais a si mesmos que à justiça e é preciso que a propensão à virtude seja reforçada por belos contos. As perguntas, citações e referências a Homero, no entanto, não se prendem com a genuína intenção do poeta e Sócrates sugere explicitamente na conversa se "deixe Homero de parte, porque não podemos saber o que pensava", o que aumenta a sua liberdade de interpretação (Guthrie 1975: 192). Toda a argumentação contra a interpretação de Hípias versa sobre "detalhes", esquecendo a visão global, tanto na interpretação de Homero como nos problemas que despoleta. A *psychê* de

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

um arqueiro que falha deliberadamente o alvo é melhor que a daquele que erra involuntariamente? A justiça é um poder ou um saber, ou ambos? (*Idem*: 194). Todas as questões parecem distorcidas.

A discussão de Homero, que ocupa um lugar tão importante neste diálogo, pode compreender-se melhor se a compararmos com a de Antístenes, que escreveu muito sobre Homero, aparentemente com um estilo análogo ao de Górgias, embora quase só nos tenham chegado os títulos das suas obras (Kahn 1996: 121). Mas o comentário de Porfírio à *Odisseia* contém um excerto da sua obra, em que também chama a Ulisses *politropos* e o põe em contraste com o Aquiles da *Ilíada* (IX, 312 e ss.)¹³ Pelo menos neste excerto conhecido, Antístenes apresenta o mesmo paradoxo acerca de Ulisses:

Homero não está tanto a louvar Ulisses como a censurá-lo quando lhe chama *polutropos*. Não descreve Aquiles e Ájax desta maneira mas como simples e generosos. Nem apresenta o sábio Nestor como matreiro e astucioso de carácter mas falando abertamente a Agamemnon ou outros e ao exército; se tem bons conselhos a dar não os oculta. Aquiles está tão longe de aprovar este carácter (*tropos*) que diz que é tão odioso como a morte aquele 'que esconde uma coisa no seu peito e diz outra diferente' (*Ilíada* IX. 313).

[Em resposta a este problema Antístenes diz:] Foi Ulisses chamado *polutropos* porque era vil (*ponêros*) e não porque era sábio (*sophos*)? Apesar de tudo, *tropos* refere-se não só ao carácter mas ao discurso (*logos*). Portanto podemos chamar a um homem *eutropos* se o seu carácter tem uma boa tendência, mas chamamos *tropoi logon* a figuras de feição diferente...

Agora se os sábios são peritos na conversa (*dialegesthai*), sabem como exprimir o mesmo pensamento de muitos modos (*tropoi*). Mas como conhecem muitos modos de discurso acerca da mesma coisa, serão chamados *polutropoi*. É porque os sábios são bons a lidar com os homens, que Homero chama a Ulisses

¹³ Alguns académicos julgam mesmo que o diálogo é uma resposta de Platão a Antístenes.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

polutropos: sendo sábio, sabe como associar-se com os homens de muitos modos.
(SSR v A 187, *apud* Kahn 1996: 122-3)

Tanto o *Ion* como o *Hípias* podem ser lidos como uma resposta ao texto perdido de Antístenes, um dos amigos com os quais Sócrates, segundo Xenofonte, conversava sobre os livros que lia (*Memoráveis*, I, 6.14). O Sócrates de Platão, pelo contrário, parece, em ambos os diálogos, opor-se ao recurso à interpretação poética como modo de fazer filosofia, ou seja contra as leituras alegóricas (Kahn 1992: 123). Não obstante o *Fedro*, contudo, dificilmente se pode dizer o mesmo do próprio Platão.

Sofisma, lógica e paradoxo socrático

O diálogo produz tanta indignação em *Hípias*, como irritação no leitor, e a atmosfera é agonística: dir-se-ia que, no combate verbal, valem todos os argumentos, mesmo os sofismas mais grosseiros. O "adversário" de Sócrates, no entanto, é enganado como se desconhecesse as regras dos silogismos. Falam-se de contrários como se estivéssemos perante diferenças de grau e converte-se o que não se pode converter (Guthrie 1975: 195). Não se distingue capacidade e inclinação (cfr. *E.N.* 1127b e ss.). Como resultado, os leitores – e os intérpretes académicos como Wilamovitz – ficam perplexos sobre a intenção do autor: o diálogo é apenas humorístico ou quer aproveitar essa mesma perplexidade para mostrar a refutação do sofista por redução ao absurdo? Outros sentem ainda relutância em reconhecer a sua autenticidade.

O diálogo, contudo, não pode ser facilmente descartado como espúrio: tem a atmosfera genuína de uma conversa socrática e a conclusão é uma das teses atribuídas ao mestre de Platão: Sócrates, diz-se, afirmava que a virtude é conhecimento, que toda a acção má era involuntária, que é pior cometer uma injustiça que sofrê-la¹⁴. Estas teses não são, aliás, específicas do personagem de Platão: Xenofonte também confirma que Sócrates afirmava que não se faz o mal senão por erro intelectual (*Mem.* IV.2.20, cfr. Grote 2005: I, 398), embora noutros textos – e não só na *República* ou no *Fedro* – Sócrates pareça

¹⁴ Cfr. as fontes referidas em Guthrie 1975 :197 e ainda: *Menon* 77b78b2, *República* 517b6-c6, 491b6 e ss., etc..

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

reconhecer a diferença entre conhecer o bem e agir bem e igualmente consciente da possibilidade da fraqueza da vontade (*akrasia*).

Toda a argumentação se baseia também na analogia das artes (medicina, música, arquitectura) que Sócrates usa de forma recorrente noutros diálogos, como na primeira parte do *Górgias* ou no *Ion*. Será possível que Sócrates não soubesse que o argumento não era sólido e o diálogo, escrito com o benefício da perspectiva, pretende mostrar algum distanciamento de Platão em relação ao seu mestre Sócrates? Sócrates, com efeito, parece hesitar na conclusão. Hípias certamente não se mostra convencido (Kahn 1996: 115). As respostas são apenas provisórias: devemos aceitá-las, "de momento", diz Sócrates no final, e remete a solução definitiva para o sábio "se existe tal homem", sugerindo que pode não existir (Guthrie 1975: 198).

Mas o diálogo, ao contrário de muitos outros, não é formalmente aporético (cfr. Kahn 1996: 112). A primeira parte contém um *elenchus* breve (365c5), seguido de refutação, (369b), e o mesmo sucede na terceira parte, mas a ênfase está no paradoxo escandaloso. As falácias são, talvez, um desafio ao leitor, que surpreso seria levado a pensar onde erra a argumentação. Com efeito o terceiro personagem, Êudico, usa com à vontade uma terminologia lógica, ao menos incipiente (*Idem*: 120): *ta homolegomena*, a premissa aceite, que conduz à conclusão ou *logos*; Sócrates procede à enumeração que permite a indução ou *epagogê*, denunciam-se as contradições, etc..

De facto, a regra sugerida por Vlastos, segundo a qual "se acreditamos que, em dado diálogo, Platão põe na pessoa de Sócrates só o que nessa altura ele próprio considera verdadeiro", as coisas passam-se de tal maneira que "devemos supor que quando essa pessoa descarta o *elenchus* como método certo para atingir a verdade isso acontece porque o próprio Platão perdeu agora fé nesse mesmo método" (Vlastos 1988: 373, e 1991: 117, n. 50), ficamos numa posição impossível, uma vez que nem parece concebível que Platão concebesse como verdadeiras as conclusões, nem se descarta o *elenchus*.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

Conclusão

Talvez o *Hípias* contenha, como afirma Kahn, parte do exame da mais profunda questão da teoria moral: a relação entre saber e carácter, razão e virtude, mas o papel que Sócrates desempenha nessa busca não deixa de ser bizarro. Guthrie sugeriu que talvez Platão detestasse o sofista e se divertisse a vê-lo manipulado às mãos de Sócrates, num procedimento semelhante à defesa de Parménides por Zenão (*Parm.* 128c-d) e Blondell explora detalhadamente uma interpretação do diálogo seguindo estas linhas (*Idem*: 113-164). Sócrates desempenharia assim, aqui, o papel de advogado do diabo.

Mas se não queremos perder de vista o que se escreve com letras capitais neste texto, não devemos esquecer que este é um diálogo entre um sábio cosmopolita (algo vaidoso, é certo, mas a humildade é uma virtude cristã, não grega), Hípias, possuidor não só de grande cultura geral, como de sólida preparação matemática, que interpreta com senso comum Homero e apresenta os seus heróis como modelos, sem falsas neutralidades, mas acaba desfeito às mãos de um "sofista" perito na arte de usar perguntas e respostas chamado Sócrates.

Não admira, pois, que alguns autores pensem que o Sócrates de Platão não é o seu porta-voz, mas que "Platão faz Sócrates propor qualquer posição que valha a pena ser discutida na Academia" (Nails 1995: 74), o que evita atribuir, a qualquer deles, reviravoltas repentinas no seu pensamento. Quem sabe que outras teorias apresentadas por Sócrates não são igualmente irónicas e estranhas? Não haverá fogo, onde há tanto fumo? (Strauss 1963: 52).

Referências Bibliográficas:

Berlin, Isaiah (2005). "The Birth of Greek Individualism. A Turning Point in the History of Political Thought", in *Liberty*, Oxford: Oxford University Press.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

Blondell, Ruby (2002). *The Play of Character in Plato's Dialogues*, Cambridge: Cambridge University Press.

Frede, Michael (1993). "Plato's Arguments and the Dialogue Form", in Klagge – Smith (1993).

Gadamer, Hans-George (1980). *Dialogue and Dialectic: Eight Hermeneutical Studies on Plato*, New Haven: Yale University Press.

Diès, Auguste – Gernet, Louis (2006). "Introduction" in Platon, *Les Lois*, Paris: Les Belles Lettres.

Gerson, Lloyd P. (2000). "Plato Absconditus" (2000), in Press, Gerald (2000).

Grote, George (2005). *Plato and The Other Companions of Sokrates*, [London: John Murray, 1865], facsimile de Adamant Media.

Griswold, Charles L. (1988). *Platonic Writings, Platonic Readings*, London: Routledge.

Guthrie, W. K. (1975). *A History of Greek philosophy*, Cambridge: Cambridge University Press, vol. IV.

Havelock, E. A. (1983). "The Socratic Problem: Some Second Thoughts", in *Essays in Ancient Greek philosophy*, Vol. 2, Albany: SUNY Press.

Havelock, E. A (1963). *Preface to Plato*, Cambridge (MA): Harvard University Press.

Kahn, Charles, (1996). *Plato and the Socratic Dialogue. The Philosophical Use of a Literary Form*, Cambridge: Cambridge University Press.

Klagge, James C. – Smith, Nicholas D. (1992). *Methods of Interpreting Plato and his Dialogues*, Oxford: Oxford Studies in Ancient Philosophy, sp. Volume.

Kraut, Richard, (2012). "Plato", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2012 Edition), Edward N. Zalta (ed.),

URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2012/entries/plato/>>.

Kraut, Richard (1992). *The Cambridge Companion to Plato*, Cambridge: Cambridge University Press.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

Leake, James (1987). "Introduction to the *Lesser Hippias*", in Pangle, Thomas, *The Roots of Political Philosophy. Ten Forgotten Socratic Dialogues*, Ithaca e London: Cornell Univ. Press.

Nails, Debra (1995). *Agora, Academia and the Conduct of Philosophy*, Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers.

Nails, Debra (2000). "Mouthpiece, Schmouthpiece", in *Press* (2000).

Nails, Debra (2002). *The People of Plato. A Prosopography of Plato and Other Socratics*, Indianapolis e Cambridge: Hackett Pub. Co.

Nightingale, Andrea (1993). *Genres in Dialogue: Plato and the Construction of Philosophy*, Cambridge: Cambridge University Press.

Pangle, Thomas (1987). *The Roots of Political Philosophy. Ten Forgotten Socratic Dialogues*, Ithaca e London: Cornell Univ. Press.

Press, Gerald (2000). *Who Speaks for Plato? Studies in Platonic Anonymity*, Lahnam, Boulder, New York, Oxford: Rowman & Littlefield.

Resumo

O *Hípias Menor* é um diálogo platónico cuja autenticidade foi posta em causa porque Sócrates aparece nele como um homem habilidoso e sem escrúpulos que defende teses moralmente repugnantes, enquanto o seu interlocutor, Hípias, que em outros textos é apresentado como um sofista, tenta sem sucesso defender a posição ética que costuma caber ao mestre de Platão. Neste artigo faz-se uma breve revisão da literatura sobre a questão de quem é o "porta-voz" de Platão nos seus diálogos, procurando distinguir o que afirmam os personagens dramáticos da mensagem que o autor, como "dramaturgo", comunica no diálogo, cujo tema é o papel pedagógico da poesia heróica de Homero. O texto inclui um ensaio interpretativo baseado numa nova tradução para português deste diálogo e explora a dimensão irónica da conversa entre Sócrates e Hípias, o defensor da poesia, que é manipulado com falácias que conduzem aos famosos paradoxos socráticos.

Palavras-chave: *Hípias Menor*, Platão, Homero, falácia, paradoxos socráticos.

**PLATÃO, DRAMATURGO E
DRAMATIS PERSONAE
Hípias, defensor da Poesia e da
"cultura geral" contra as falácias
de Sócrates**

JOSÉ COLEN
**Universidade do
Minho**

Abstract

Hippias Minor is a Platonic dialogue, whose authenticity was often questioned because Socrates appears in it as an intelligent but unscrupulous man, who defends morally repulsive theses, while his main interlocutor, Hippias, who in other texts is presented as a sophist, that teaches for money, tries to defend the ethical position usually attributed to Plato's dear master. In this paper we present a brief review of current academic literature on the, so called, "mouthpiece theory". We question the assumption that Socrates is only and always Plato's voice in his dialogues, differentiating *dramatis personae* statements from the message the author, as "dramatist", tries to convey in this text, whose subject are the lessons of Homer's heroic poetry. This paper includes an interpretative essay based on a new Portuguese translation from the dialogue, and explores the ironic dimension of the conversation between Socrates and Hippias, the apologist of poetry against the fallacies that lead to famous Socratic paradoxes.

Key-words: *Hippias Minor*, Plato, Homer, fallacies, Socratic paradoxes.